

EI, ROLHA DE POÇO! VAMOS FALAR SOBRE A GORDOFOBIA?

Marcela Fontão Nogueira CIEJA Perus I

Novembro de 2016, CIEJA Perus I. Estávamos finalizando o primeiro ano letivo da unidade, ainda descobrindo os caminhos e como lidar com tudo que envolve participar da abertura de uma escola. Tudo era novo e entendemos que uma semana cultural e esportiva seria uma boa maneira de compartilhar os saberes construídos em um ano tão importante. Essa decisão foi tomada coletivamente no Projeto Especial de Ação, que tem como característica nessa escola reunir todos os professores no mesmo horário, diferente do que ocorre nas EMEFs.

Ao pensarmos no formato dessa semana, entendemos que seria importante que a participação fosse livre tanto para professores quanto para alunos e mais ainda, que cada turma escolhesse sua maneira de intervenção e assunto, desde que respeitasse o tema da rodada. Os vinte e sete dias letivos da última rodada teriam como grande tema gerador o preconceito em suas mais diversas formas de manifestação. Assim, cada professor coordenador de sala deveria portanto, conversar com sua turma e definir sua participação ou não no evento.

Fiquei responsável por desenvolver o trabalho com uma turma de módulo IV (equivalente ao 8º e 9º ano) e pelo calendário, teríamos apenas cinco encontros de três horas/aula cada. Essa era uma turma muito peculiar, composta essencialmente por adolescentes que por terem tido uma frequência irregular durante o ano e amedrontados com a possibilidade de ficarem retidos por falta, tornaram-se totalmente comprometidos com as atividades escolares nessa reta final. Certamente essa situação foi decisiva na escolha do grupo em participar da semana cultural e esportiva antes mesmo de escolhermos um objeto de estudo.

Uma vez definida nossa participação, precisávamos escolher o que estudaríamos e como se daria nossa participação. Relembramos o tema gerador e refletimos sobre os diferentes tipos de preconceito. O racismo foi o primeiro a ser lembrado e o episódio do atleta sendo chamado de macaco e recebendo uma banana foi lembrado pela turma. Questionei se apenas pessoas negras eram vítimas de preconceito e aos poucos outros marcadores sociais foram surgindo. Enquanto conversávamos, lembrei a turma que não poderíamos desconsiderar o fato de que apesar de estarmos na área de linguagens, nosso

trabalho deveria dialogar com a Educação Física e que precisaríamos encontrar um modo para representar tudo isso. Após longo debate, decidimos estudar o preconceito contra pessoas gordas, já que o assunto surgiu depois que um estudante chamado de "gordinho" pelos colegas levantou a questão. Perguntei se já haviam ouvido falar do termo gordofobia e a negativa foi geral. Expliquei então a origem do termo e imediatamente o sufixo fobia ganhou outro significado e foi logo associado à repulsa, já que eles não sentiam medo de ninguém por ser gordo. O passo seguinte foi traçar um plano de trabalho coletivo, já que tínhamos apenas mais quatro encontros até a semana cultural. Montamos a seguinte tabela na lousa:

| O QUE PRECISAMOS SABER? |
|--|
| Estudar o conceito de gordofobia |
| O que dizem algumas pessoas obesas e as implicações para suas vidas no cotidiano |
| O que e quem define que uma pessoa é obesa? |
| O que e como faríamos para apresentar o trabalho |

Combinamos então, que o próximo encontro seria destinado aos dois primeiros itens elencados e que a cada encontro decidiríamos o que fazer no seguinte. Assim feito, começamos a segunda aula assistindo a dois vídeos que abordam o tema "Você sabe o que é gordofobia" e "Vamos falar de gordofobia", ambos disponíveis no youtube. Além da definição e do surgimento do movimento, conseguimos ouvir os relatos de pessoas obesas e percebi muitas vezes o estudante "gordinho" concordando com a falas e os demais sempre olhando para ele. Conversamos especialmente sobre as histórias daquelas pessoas e propus que listássemos na lousa diversos apelidos pejorativos que eles conheciam ou já utilizaram para referirem-se a pessoas gordas. Fui anotando cada um deles (rolha de poço, baleia, orca, gordão, gordinho, hipopótamo, gorda baleia saco de areia...) e não pude deixar de perceber as risadas dos alunos a cada apelido proferido. Nesse ponto, achei importante conversarmos sobre os motivos que os levavam a achar graça e a verdade é que nenhum aluno foi capaz de falar a respeito. Perguntei ao "gordinho" da turma se ele gostaria de dizer como se sentia quando era chamado por algum daqueles apelidos e ele disse que a palavra em si não era tão importante quanto a intenção de quem falava. A atitude ofensiva era o que mais incomodava e nesse ponto ele usou o exemplo do chamamento pejorativo à pessoas negras lembrando que é crime chamar alguém de preto fedido, "mas não acontece nada com quem me chama de gordo

nojento". Essa fala gerou um certo desconforto sentido pelo silêncio que acometeu toda sala e partir daí entendemos que além de cartazes, seria importante para o nosso trabalho ouvir as pessoas obesas do bairro. Para terminar o encontro, propus que já construíssemos os primeiros cartazes a partir das discussões do dia, mas antes decidimos que a aula seguinte seria destinada a entender porque uma pessoa é considerada obesa. Dividimos a sala em dois grupos, um ficou responsável por produzir o cartaz com as definições e o outro grupo deveria abordar o problema dos apelidos.

No terceiro encontro discutimos sobre os parâmetros utilizados pela Organização Mundial da Saúde para classificação das pessoas quanto ao peso corporal. Fizemos a leitura de uma reportagem que tratava da redução da idade mínima para cirurgia bariátrica e como calcular o índice da massa corporal (IMC). Para complementar o entendimento do tema, nos utilizamos de um segundo texto mais detalhado e partimos para a prática. Em duplas, os estudantes utilizaram fitas métricas e calcularam o seu IMC com base na última pesagem que fizeram. Ocupando toda sala e os corredores, os estudantes participaram ativamente seja manuseando as fitas, seja utilizando as calculadoras dos celulares para fazer as contas e posteriormente localizar o seu resultado na tabela. A utilização de conceitos matemáticos para execução da tarefa gerou certo desconforto inicial, mas todos se ajudaram e aos poucos as dificuldades foram sanadas. Conversamos sobre padrões pré estabelecidos e se números e tabelas são capazes de definir pessoas. Muitos ali surpreenderam-se com o seu próprio resultado, em especial os que se achavam "normais" e foram classificados com sobrepeso ou como pré-obesos. Frases como "Nossa! preciso fechar a boca!" e "Meus Deus! Tenho que fazer regime!" ecoaram pelos quatro cantos da sala. Mais uma vez retomamos a discussão sobre os padrões de beleza e o que é imposto socialmente e como é difícil romper com a lógica dominante. Finalizamos nossas duas horas e quinze minutos confeccionando os cartazes sobre IMC e as tabelas de classificação.

Como decidimos ouvir as pessoas obesas do bairro, precisaríamos definir um instrumento de coleta de dados e por isso preparei um texto que tratava sobre entrevista estruturada, não estruturada e questionário, os prós e contras de cada um deles. Só teríamos uma semana para fazer a pesquisa e nosso último encontro antes do evento serviria para analisarmos os dados, então por esse motivo o grupo optou pelo questionário que nos permitiria traçar o perfil dos participantes e seria mais simples para analisar. Antes de construirmos as questões, perguntei quem gostaria de ser

entrevistador e apenas dois meninos se voluntariaram. Muitos disseram que sentiam vergonha de falar com as pessoas sobre isso ou que não conheciam obesos no bairro e por isso assumiriam outras responsabilidades, como analisar os dados e preparar o cartaz. Em conjunto organizamos as seguintes questões:

| | |
|--|----------------|
| Nome: | Idade: |
| Masc. () | Fem. () |
| Peso: | Altura: |
| IMC: | Classificação: |
| 1) Você já sofreu preconceito por ser obeso? | |
| () sim () não | |
| 2) Você já perdeu alguma oportunidade de trabalho por causa do seu peso? | |
| () sim () não | |
| 3) Qual a sua reação quando alguém te ofende por causa do seu peso? | |
| () fica triste () não liga () revida | |

Nosso último encontro foi de muito trabalho, pois os meninos trouxeram quinze questionários respondidos. Fizemos a leitura dos dados e uma tabulação simples para compormos o último cartaz. Perguntamos como foi a experiência e a maior dificuldade foi falar com as pessoas que eles conheciam, em especial com a diretora da escola mas que tiveram coragem "porque o trabalho era para a escola mesmo". Achei curioso o fato de pessoas conhecidas causarem mais dificuldade do que as estranhas e a resposta me surpreendeu mais ainda: "a gente não quer magoar nossos amigos professora, achamos que eles ficariam tristes com a gente..." Não sei ao certo qual o papel que o processo de construção dessa prática teve na mudança de atitude dos estudantes, mas enquanto professora mediadora considerei como uma resposta positiva. Ainda assim, achei importante lembrarmos a fala do colega quanto a intenção de quem diz a palavra e que a pesquisa não continha nenhuma pergunta ofensiva. Nesse ponto, ressaltamos a importância da neutralidade e ética do entrevistador, mas acima de tudo do respeito àqueles que participam do trabalho.

As apresentações ocorreriam no dia seguinte e os alunos que se comprometeram a finalizar os cartazes ficaram um pouco mais após a aula. Decidimos que todos que estivessem presentes poderiam falar sobre o trabalho, mas que seria importante que os

entrevistadores contassem como foi percorrer as ruas de Perus procurando pessoas obesas.

O produto final e a apresentação foram apenas detalhes. Todo esse processo me levou à reflexão sobre possíveis caminhos da Educação Física na EJA. Acompanhar o envolvimento desses alunos na construção coletiva de um conhecimento, em que as vivências e saberes de cada um foi valorizado, foi o maior aprendizado para todos nós. Como docente enfrentei desafios com relação a maneira de se trabalhar a educação física na EJA e a aceitação dos estudantes, que compõem um grupo extremamente heterogêneo. A quantidade de encontros e necessidade de produção de um produto final também foram determinantes na condução dos trabalhos. Ainda assim, com todas as dificuldades e limitações acredito que discutir diferentes formas de preconceito, objetivo principal dessa atividade, foi cumprido satisfatoriamente.